

ESCOLA EMBAIXADOR BARROS HURTADO.

A POSSIBILIDADE DE MODELO DE UMA ESCOLA ANTIRRACISTA A PARTIR DA (DES)CONSTRUÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE.

1. Apresentação.

O presente trabalho apresenta um projeto de construção da identidade, representatividade e autoestima dos alunos da Escola Municipal Embaixador Barros Hurtado, em Cordovil. A sala de aula a partir de uma perspectiva que possibilite dar voz aos negros, com os quais os alunos possam se identificar, sem no entanto, configurar-se através de um mecanismo de delimitação e demarcação de espaços.

2. Nossa História.

No ano de 2018, no mês de janeiro, deu-se início na Escola Municipal Embaixador Barros Hurtado a nova equipe gestora, eleita por toda comunidade escolar com 69,7% dos votos. Pautada em um conceito de Gestão Democrática como um processo em que há um envolvimento do trabalho e esforço de diferentes pessoas, pensando-se também nas diferenças culturais de pensamentos e ações presentes. Assim, a nova equipe diretiva buscava a promoção de oportunidades para que todos participassem ativamente e com competência na busca pelos objetivos educacionais da escola.

Devido à localização próxima de comunidades e bairros carentes, nossos alunos formam um grupo diversificado. Nesse sentido, nosso primeiro desafio era de que a comunidade percebesse e participasse da mudança da escola, pois era conhecida como “A escola para quem não queria estudar”. Quando assumimos a gestão, ouvimos várias mães dizerem que levariam o filho para estudar em outra escola, porque “não queriam matriculá-lo na Embaixador”. Naquele momento, percebeu-se que seria necessário promover atividades que resgatassem a credibilidade e o interesse das crianças e responsáveis pela escola.

Outro grande desafio era a situação precária do prédio, que de alguma forma, refletia o próprio comportamento dos alunos. Devido à falta de investimentos, a escola apresentava sinais de depredação - paredes pichadas, vidros quebrados, pátio sujo, além de professores e funcionários desmotivados.

Após refletirmos, entendemos que só mudaríamos aquele cenário se incluíssemos toda a comunidade, principalmente os pais/responsáveis no contexto.

Nossa primeira estratégia foi repaginar a escola para a chegada dos alunos em fevereiro de 2018. Buscamos apoio da comunidade local. Entendemos que a maneira como nos sentimos em relação a nós mesmos influencia sobremaneira todos os aspectos de nossa existência. Nossas respostas aos acontecimentos do dia a dia são determinadas pela maneira como nos vemos. A nossa autoestima é a resposta para os nossos sucessos e fracassos.

As brigas, apelidos e as ofensas eram constantes entre os alunos. Sabemos que as crianças reproduzem exatamente aquilo que vivem, por isso a importância de se trabalhar com questões étnico raciais no ambiente escolar, desfazendo os preconceitos e estereótipos, fortalecendo identidades.

O racismo, preconceito e discriminação, com base nos atributos étnicos, na sociedade brasileira e no cotidiano escolar, produz males a todos os indivíduos da sociedade. Para os indivíduos negros, ela acarreta, segundo Cavalleiro (1998) e Silva (2003), citada por Videira :

- auto-rejeição, rejeição ao seu outro igual, rejeição por parte do grupo;
- desenvolvimento de baixa auto-estima, com ausência de reconhecimento da capacidade pessoal, timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula;
- ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial;
- dificuldade de aprendizagem;
- recusa em ir para a escola e exclusão escolar.

3. Novos autores, mesmo espaço e novo tempo.

O espaço escolar e seus professores, às vezes, preferem não marcar posições, aplicam uma proposta de ensino livre de debates sobre temas com recorte racial, porém a comunidade escolar da E.M.E.B.H contempla 64% (sessenta e quatro) de alunos autodeclarados pretos ou pardos. Entendendo que as datas que tratam a questão do negro aconteciam em momentos estanques (apenas no mês de novembro era colocado em pauta as questões raciais, representado por mobilizações em torno do combate às diferenças raciais) iniciamos, então, ações durante todo o ano.

Uma questão relevante era, e ainda é, a criação de práticas pedagógicas diversas que se entrecruzam, dialogam e se configuram, construindo deste modo significados concretos dentro de sala de aula. Além de não individualizar os palestrantes como únicos. Por isso, os

palestrantes são convidados com ênfase em sua fala, expertise e não em sua cor. Segundo ADICHE:

A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes.¹

Uma questão que passa a ter grande relevância é a elaboração de um currículo que abranja as relações étnico-raciais e os direitos humanos no conteúdo programático dos alunos. O currículo não pode ser entendido como uma lista de conteúdos a serem repassados aos alunos, mas deve ser visto como uma prática pedagógica que se dá de maneira efetiva nas ações e posturas dos educadores diante dos conteúdos a serem trabalhados. O professor não constrói sozinho, este processo ele se dá a partir das influências sofridas por todo seu contexto social e educacional.

Faz-se necessário construir um ensino em que o aluno da escola pública - basicamente de pretos e pardos - possa se ver e ouvir de outros pretos falares cotidianos. Pensar em estratégias que valorizem o negro como ser inserido na sociedade de maneira digna. Para GOMES (2012), os processos identitários se constroem gradativamente desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo - a família - até outras relações que o sujeito estabelece.

Algumas de nossas ações desde 2018.

Entendemos que para o avanço na qualidade de aprendizado na escola, *s/ realidade social/diversidade étnico-cultural* é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras.

E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. Dessa maneira, poderemos construir coletivamente novas formas de convivência e de respeito entre professores, alunos e comunidade. É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida e não aos órgãos governamentais ou aos desejos dos educadores.(GOMES,2012)

¹ ADICHIE, Chimamanda. —O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 11, pp. 46- 59, jul./dez. 2014. ISSN: 2176-381X http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?langua ge=pt. Acesso em: março de 2018.

Visita da Jornalista Flávia Oliveira da Globonews à escola.



Para Durkheim, as representações coletivas são “[...] forjadas no cotidiano das interações sociais”. É compartilhando a mesma linguagem que é possível realizar uma interpretação mútua e fazer o sentido dos elementos, então representados, serem percebidos da mesma forma ou pelo menos de modo parecido. Assim, representar, para Hall, “[...] é produzir significados através da linguagem. Descrever ou retratar, junto a simbolizar e significar”

Aula sobre Intolerância Religiosa com Babalawo Professor Dr. Ivanir dos Santos

Ivanir dos Santos é Dr. em História Comparada pela UFRJ Pesquisador LHER-UFRJ, recebeu o prêmio Internacional Religious Freedom (IRF), pelo Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos, professor da UFRJ, interlocutor da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) além de um longo currículo em combate à Intolerância Religiosa,

É necessário que, na educação, a discussão teórica e conceitual sobre a questão racial esteja acompanhada da adoção de práticas concretas, possibilitando experiências em que professores e alunos pudessem vivenciar, analisar e propor estratégias de intervenção que tenham a valorização da cultura negra e a eliminação de práticas racistas como foco principal. *Dessa forma, o entendimento dos conceitos estaria associado às experiências concretas, possibilitando uma mudança de valores”.*

Por isso, o contato com a comunidade negra, com os grupos culturais e religiosos que estão ao nosso redor é importante, pois uma coisa é dizer, de longe, que se respeita o outro, e outra coisa é mostrar esse respeito na convivência humana, é estar cara a cara com os limites que o outro me impõe, é saber relacionar, negociar, resolver conflitos, mudar valores. GOMES(2012).



Entrega da medalha Tiradentes à jornalista Flávia Oliveira.



Na ocasião do aniversário da jornalista Flávia Oliveira, ela foi homenageada com a medalha Tiradentes na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. A E.M.E.B.H foi convidada a comparecer no evento. Levamos um grupo para representar a escola.

Modelos das Fotos de Formatura.



Precisamos de dois alunos para fazer a foto que serviria de modelo para o Paspatur. Os alunos escolhidos foram Tayane Julião e Matheus Andrade.

Palestra sobre Empreendedorismo e Educação Financeira



Quanto antes às crianças tiverem exemplos reais, mais cedo irão entender que podem chegar a qualquer lugar que desejarem. Os alunos estão acostumados a presenciar, em seu cotidiano, pessoas brancas como palestrantes, homenageados, grandes empresários etc. Possibilitar a mudança da “*Paisagem de formação*” para nossos alunos é de fundamental importância para o seu crescimento. Ou seja, mostrar outra paisagem possível.

Elias Vieira de Paula Mestrando em Desenvolvimento Local; Graduando em Gestão da Avaliação; Especialista em Empreendedorismo Social, Negócios Sociais, Projetos Socioambientais e Inovação; MBA em Educação Corporativa; Pedagogo; CEO EVP Treinamentos; Presidente da ONG PROCOMECE; Mentor de Pequenos Negócios.

Cotas raciais para o ensino médio



Professor Péricles Freire dos Santos – Professor do CEFET/RJ

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), é no Ensino Médio que os alunos devem ser estimulados a desenvolver o pensamento crítico e a se preparar para o exercício da cidadania, tornando tal fase (do desenvolvimento humano) a mais propícia para as discussões acerca de temas controversos, como a Lei da Cotas por exemplo (Lei nº 9.394, 1996)

Porém, a E.M.E.B.H sentiu necessidade de conscientizar o aluno já ensino fundamental. Percebemos que poucos se interessavam em fazer as provas das escolas tradicionais do Rio de Janeiro. O Professor do CEFET/RJ conversou com o 9º sobre cotas raciais e cotas de egressos de escolas públicas, além de possibilitar conhecimento muito importante sobre a dicotomia : meritocracia x cotas.

Semana Conscientizar – setembro

Conscientizar
Tornar(-se) consciente de; fazer(-se) sabedor.(Dicionário)
Turma 902
Convida
para ciclo de palestras e debates
que realizemos neste mês.

DIAS

Mitos & Ditos



Jacira de Assis
Mestre em Filosofia

16 Padrão de Beleza

Pamela Machado
CAROLINAS
(Coletivo de Mulheres Negras)



Saúde do Negro



Eliana Gesteira
Mestre em Educação

17 Cotas Raciais

Juliana
CAROLINAS
(Coletivo de Mulheres Negras)



18 Mercado de Trabalho



Cláudia Mara
Pedagoga(SEEUC)

Semana realizada pela turma do nono ano. Os alunos visitaram salões de beleza para saber o motivo pelo qual as mulheres alisavam o cabelo. Visitaram o Hospital Raul Gazola para verificar se havia diferença no tratamento às pacientes, colocando em pauta a cor. A culminância ocorreu com uma semana de roda de conversas.

Visita ao Quilombo Urbano do Camorim.



Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negras. (ANDRADE, 2005 p,117)

Conversa semanal - Motivacional



Encorajar os alunos a que expressem seus sentimentos de diferentes formas verbais e não verbais. Conversar sobre o significado de cada um deles e os possíveis motivos pelos quais existem.

Thaíssa Moreno – Psicóloga voluntária da escola (ex-aluna)

Corredor Africano



O professor da Sala de Leitura promoveu um corredor com literatura Africana.

A Literatura infanto-juvenil apresenta-se como filão de uma linguagem a ser conhecida, pois nela reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e à construção de conceitos. Sendo a escola o ponto de partida, estamos sendo criando meios para o exercício da leitura, e estes devem englobar a maior quantidade possível de subsídios para que, de fato a prática da leitura se concretize.

Contação de histórias (Parceria com a Lona Cultura de Vista Alegre)



Pesquisar situações de preconceito ou discriminação, bem como de valorização das pessoas, apresentadas pelos meios de comunicação. Analisar com as crianças, identificando os pontos negativos e os positivos. Questionando o grupo o que poderá ser feito para mudar a situação.

APRESENTAÇÃO *SLAM*

O Slam é um evento que ocorre em diversos países e vem crescendo de modo bastante significativo no Brasil. Trata-se de uma ‘batalha’ de poesias que tratam, geralmente, de questões sociais e apresentam um estilo que remete ao rap . Para participar da batalha, os poetas precisam apresentar texto de autoria própria e que tenham, no máximo, três minutos.

Não são permitidos adereços, figurinos ou acompanhamento. Abrimos a possibilidade de compreender o slam como gênero textual poesia, discutir as questões de preconceito linguístico e social, conhecer o uso variado da língua em diversas situações, apreciar variadas modalidades de poesia, história e literatura negra e afrodescendente, cultura popular, arte urbana e história do Brasil contemporâneo.



ANDRE E MARISÉLIA

Celebração do dia das Crianças.



Em outubro os alunos tiveram antecipadamente, um estudo teórico sobre a história da capoeira e as possibilidades das habilidades que vão além das capacidades físicas. Como é um tema amplo, pode-se trabalhar de forma lúdica, assim brincando, os alunos tomam

consciência do seu corpo e de suas capacidades motoras, facilitando o crescimento cognitivo e afetivo. Explora muito a psicomotricidade, lateralidade, situar-se no espaço, dominar o tempo, adquirir coordenação de seus movimentos. (Educação Física – Professor Anderson)



Participamos da 9ª Maratona Escolar Grandes Autores, que homenageou o poeta e jornalista Ferreira Gullar. Os alunos da Rede Municipal de Ensino produziram textos com o tema "Vida e Obra de Ferreira Gullar". O acadêmico Domício Proença Filho fez uma palestra para finalizar o evento. Domício Proença Filho é o segundo negro a presidir a Academia Brasileira de Letras, depois do fundador Machado de Assis, entendemos a

importância de comparecer com nossos alunos.

Apresentação do grupo de teatro da escola



DRAMATIZAÇÃO DO POEMA DE VICTÓRIA SANTA CRUZ – “Me gritaram negra”
Professora Heloísa - Artes



Palestra com Elias Inácio, militar reformada da marinha, Por que preciso fazer planos

Oficina com trançistas da Comunidade Escolar.



Ao se olharem no espelho, é preciso que elas sintam apreço por si mesmas, que amem seus cabelos, cor e traços, e cabe a nós, espaço escolar, mostrar a elas o quanto são lindas, inteligentes e capazes.

Debate: “A participação da mulher preta na política: Real ou Falácia?”

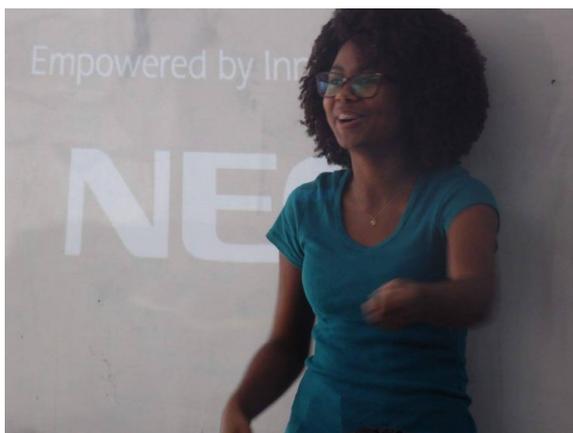


Atividade sobre oralidade e debate regrado.

Mural Permanente



A importância do conhecimento de Biologia no cotidiano



Lara Sant'Anna – Estudante de Biologia da UFRJ

AFROREGGAE – Aniversário da Escola



Nossa Escola fica próxima dos bairros de Parada de Lucas e Vigário Geral, onde fica localizada uma das sedes da ONG que tem como missão reduzir as desigualdades sociais e combater o preconceito em suas diversas formas, utilizando a arte e a cultura como ferramentas de transformação social de pessoas e grupos bem como o meio em que estão inseridos. No aniversário da escola, apresentamos nossos artistas do Afroreggae.

Abayomi



A oficina de confecção das bonecas abayomi desenvolvida na escola se constitui como um recursos material e simbólico que acreditamos contribuir para o fortalecimento da autoestima das nossas crianças e adolescentes afrodescendentes, princípios baseados na construção de um espaço escolar inclusivo, para evidenciar identidades culturais que historicamente ocuparam um lugar rechaçado, estigmatizado, e, muitas vezes desconsiderados, e entender como isso se manifestar esteticamente na vida de grupos historicamente marginalizados. O trabalho busca vários sentidos: experiência coletiva, comunhão, enfrentamento social, equidade feminina e étnica, expressas em atividades que transitam entre criação, artesanania, performance, formação, troca e acolhimento. Professora de Artes – Heloísa.

Roda de Conversa com o diretor do Filme “Nosso Sagrado” – Jorge Santana e a autora do livro de poemas Maria Duda “Navio Negroiro”.





O documentário investiga a perseguição contra o Candomblé e a Umbanda, religiões criminalizadas na Primeira República e na Era Vargas. Entre 1890 e 1946, mais de 500 objetos foram apreendidos pela polícia do Estado do Rio de Janeiro. Os objetos sagrados foram expostos como “Museu Magia Negra” e permaneceram por cerca de cem anos sob a posse do Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. A partir da fala de religiosos, pesquisadores e militantes, busca entender a importância do acervo sagrado afro-brasileiro e a luta pela sua libertação. O documentário está licenciado para o Canal Brasil

Atividade Remota

A E.M. EMBAIXADOR BARROS HURTADO
Convida para uma bate-papo sobre
valorização da
VID
QUARTA - 30/09
18 hs



Prof. THIAGO BRANDI



THAISSA MORENO
Psicóloga

Meet

LINK na descrição

Videoconferência
Existe um exagero na questão racial ?



Rosana



Duda

Mediação com a
Profª Monica Aniceto
da E.M. Embaixador Barros Hurtado

18/06 14 hs

Atividade remota da E.M. Embaixador Barros Hurtado
sobre texto argumentativo

LINK na descrição

RESULTADOS

Durante esse período, conseguimos uma perceptível melhora na autoestima dos alunos, o que resultou em:

	2017	2019
Evasão escolar	0,85	0,88
Brigas e conflitos	178	124
IDEB	4,2	4,9

Observação: As brigas corporais cessaram em 99% e os conflitos são indisciplinas referentes a não realização de tarefas.

PRÊMIO MULHER CIDADÃ – Eles por Elas; Elas por Elas; Tod@s por Tod@s. –



Os alunos foram convidados a fazer um vídeo sobre uma mulher cidadã. Pela repercussão positiva de sua visita à escola, escolheram a Jornalista Flavia Oliveira como personagem. A única negra homenageada entre os trabalhos escolhidos.

PRÊMIO COMDEDINE DE PESQUISA ESCOLAR 2019

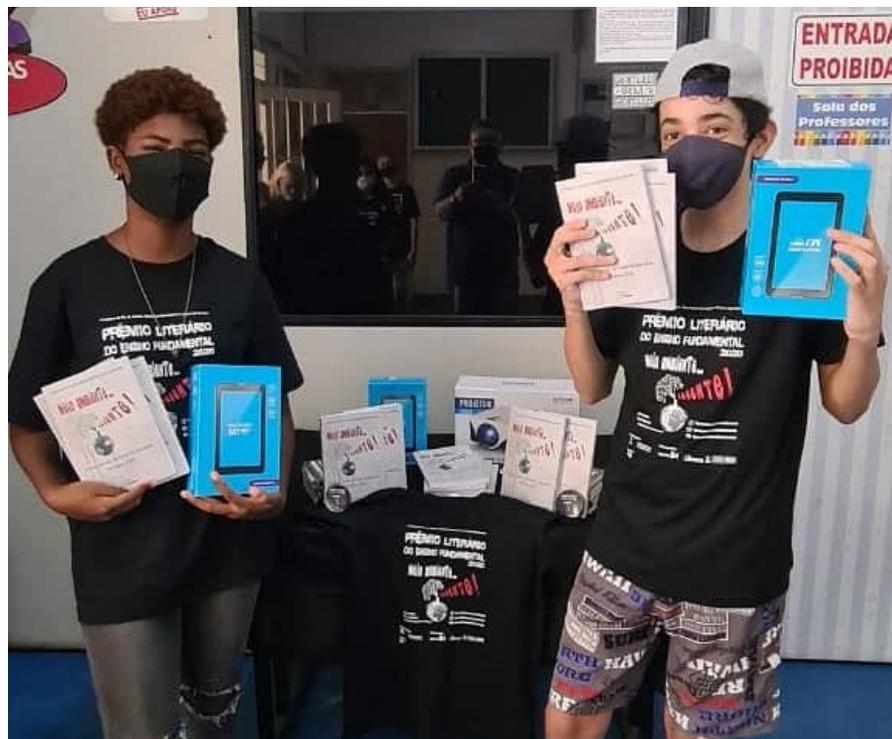
Daniel dos Santos Damas – Ganhador da Categoria E – Professor Orientador: Monica Aniceto Barros -Língua Portuguesa.

Trata-se de ação conjunta entre a Secretaria Municipal de Educação e o COMDEDINE (Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro). O Prêmio tem a missão de homenagear alunos da rede municipal de ensino por trabalhos voltados aos temas afro-brasileiros e promover a reflexão, pesquisa e debate acerca das questões étnico-raciais. A cerimônia de premiação aconteceu no Consulado de Angola.

Prêmio Literário do Ensino Fundamental



– TEMA(2019): Preconceito – Professor Thiago Brandi – Sala de Leitura.



TEMA(2020): Meio Ambiente = Professor Thiago Brandi – Sala de Leitura

Aprovação dos nossos alunos para o Ismart e Escolas públicas tradicionais.

Alguns alunos:

Alunas aprovadas no Projeto Ismart – Bolsa de 100% no Colégio PH



Maria Clara Conceição da Silva
Rafaelle de Paula da Silva
Maria Conceição Abreu

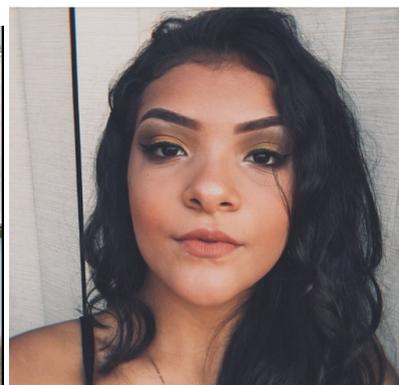
Aprovados na FAETEC



Isael dos Santos



Victor Emanuel



Nicole Xavier

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os problemas ainda existem, é certo, mas contrapondo-se a isto, temos uma escola ampliada, reformada e bonita, uma equipe séria, comprometida e atuante, que tem um elo afetivo com as crianças e que permanecem fazendo um trabalho que passa por transformações e mudanças que sempre levam ao crescimento de todos.

Acreditamos que a construção da Identidade é um processo em fazer-se, constante e ininterrupto. A consciência de que as fronteiras, quase impercebíveis, estabelecem um lugar marcado para os negros, ou seja, estereótipo, sociais a partir da cor. A possibilidade da imagem do corpo falante e do ouvir podem possibilitar a quebra de paradigmas. Ao refletirmos com Hooks,(2010,45)

“Se examinarmos criticamente o papel tradicional da (escola) Universidade na busca da verdade e na partilha do conhecimento e da informação, ficará claro, infelizmente, que as parcialidades que sustentam e mantem a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática de liberdade”

É necessário que a escola, como espaço de *construção de identidade positiva*, procure estar atenta às questões da negação da imagem, da escuta e do falar de negros (de maneira responsável).

O aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade.” (Hooks, 2013, p.273)

Obedecer às leis 10639/03 e 11.645/08 que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino e cumprir a missão de conhecer e representar nossos alunos, onde a escola passe a ser um lugar de prazer e alegria, de transformação por novas ideias, relacionada ao modo de como viver e se comportar, numa ligação constante com a luta antirracista. Um desafio que estamos dispostos a enfrentar.



REFERÊNCIAS:

GOMES, N.L., A Universidade Pública como Direito dos(as) Jovens Negros(as): a experiência do Programa Ações Afirmativas na UFMG, in SANTOS, S. A. (org) Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas, Brasília, Ministério da Educação, 2007.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade/bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMFMartins Fontes, 2013.

MUNANDA, Kabendele. Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SCHWARCZ, L. M., Nem preto, nem branco, muito pelo contrário - cor e raça na sociabilidade brasileira, São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SOUZA, N. S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileira em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.